

XVII ENCONTRO
DE CULTURAS
TRADICIONAIS
DA CHAPADA DOS
VEADEIROS

DE 15 A 30 DE JULHO DE 2017
VILA DE SÃO JORGE - GOIÁS



INÍCIO ENCONTRO DE CULTURAS ▾ CONVIDADOS PROGRAMAÇÃO ▾ NOTÍCIAS SÃO JORGE PACOTES ▾ CONTATO ▾  



Foto: Ana Caroline de Lima |

Mulheres negras: a força Kalunga

POR MARINA ALMEIDA 27/07/2017

“Já tirei muito óleo de coco para sobreviver, fazia sabão de pequi, costumava, ralava mandioca pra fazer farinha... Assim que eu criei oito filhos sozinha”, conta Dona Daínda, na roda de prosa sobre mulheres negras na história, realizada no XVII Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros na terça-feira, 25 de julho. No debate, as mulheres da comunidade remanescente quilombola Kalunga contaram um pouco sobre seu trabalho e as condições difíceis que enfrentam no dia a dia. “Eu tinha vergonha de sair vendendo as coisas. O sabão que a gente faz é preto, aí falavam que não sabiam quem era eu e quem era o sabão. Eu chorava muito”, lembra Dona Daínda.

A dificuldade para a produção também foi lembrada pelas mulheres. “Óleo de coco é muito difícil. Tem que apanhar e quebrar o coco, seca no sol, depois torra e bate com pilão, na mão, soca bem. Aí põe na panela pra ferver, depois pra secar”, explica Dona Fiota. Ela conta que casou aos 14 anos, teve 7 filhos e sempre lutou muito pra conseguir fazer e vender seus produtos. E ainda defende a sustentabilidade de seu trabalho: “faço polpa de mangaba, cajuzinho do Cerrado... Os passarinhos não dá conta de chupar tudo, nós tem que ajudar os passarinhos colhê”. Já pra fazer o óleo de pequi é preciso cozinhar a castanha e ir recolhendo o óleo que vai sendo liberado na panela, “bichinho difícil de colher”.

Assim como ela, outras mulheres da comunidade trouxeram seus produtos pra vender no Encontro de Culturas e, assim, gerar renda, já que ainda vivem basicamente da plantação de subsistência: óleo de coco, óleo de pequi, cachaça com plantas medicinais, sabão de tingui, vinho de jatobá, óleo de mamona, farinha de mandioca e gergelim preto. E os tapetes kalungas. “Um certo dia aprendi a fazer tapete. Quando vim aqui participar do Encontro, vendi todos que eu trouxe. Aí a comunidade ficou sabendo e começou a trazer também”, conta dona Daínda. “O Encontro foi muito importante porque abriu um espaço pra nós”, diz ela.

Realização



CASA DE CULTURA
CAVALEIRO DE JORGE

Apoio



GOIÁS
TURISMO
SECRETARIA DE CULTURA E ESPORTE

SEDUCE
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO,
CULTURA E ESPORTE

99 GOVERNO
DE GOIÁS

INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
GOIÁS

MINISTÉRIO DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
MEIO AMBIENTE

BRASIL